



**ALEGAÇÕES FINAIS** HOMENAGEM AOS ADVOGADOS NA DITADURA

# “A função de juiz nos plenários era uma função de bestas”

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

**O** que recorda dos tempos como advogado nos tribunais plenários. Sentiu-se ameaçado?

Pessoalmente não. Talvez porque nunca tenha tido um caso grave e por isso tenho de ser modesto e também não é a minha maneira de ser, amedrontar-me...

**Que exemplos como jovem advogado é que seguiu? Quem o inspirou nessa época?**

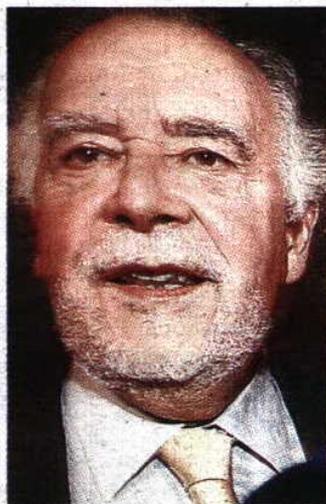
A formação política que tenho e a minha geração, como Jorge Sampaio, levou-nos a abraçar essa luta contra o regime, o que fiz com muito gosto, embora nunca tenha tido contactos especiais com o PCP. Mas defendi amigos meus. A verdade é que nunca era decisivo o papel dos advogados nesses tribunais.

**Qual o caso mais paradigmático e interessante que defendeu nessa época?**

Foi um crime de difamação. A lei determinava na altura que os crimes de difamação praticados na comunicação social eram julgados nos tribunais plenários. E houve uma disputa entre gente, mas que ambos eram de oposição ao regime. Um fez queixa do outro. O meu cliente, Mário Castrim, jornalista, era muito agressivo e irónico e há um dia em que escreveu um artigo no *Diário de Lisboa* que chamava de “Xé Xé Rebelo” ao Francisco Rebelo, um escritor da época, e este não gostou. E foi Manuel da Palma Carlos que defendeu Francisco Rebelo. Correu-me bem....

**E os juízes dos tribunais plenários? Eram agressivos, autoritários?**

Não. Não eram agressivos, eram umas bestas na maior parte dos casos. Custa-me um



**JOSÉ MANUEL GALVÃO TELES**

*Advogado que defendeu presos políticos e sócio da MLGTSS, o segundo maior escritório de Lisboa*

“

*A formação política que tenho e a minha geração com colegas como Jorge Sampaio levou-nos a abraçar essa luta contra o regime, o que fiz com muito gosto”*

bocado dizer isto porque defendi sempre que têm de ser tolerantes com as pessoas. Aqui não julgo as pessoas mas sim os papéis e a época e a função em si era de bestas.

**Foi frustrante ser advogado nessa época?**

Nós sabíamos que o que interessava ali era a luta pela causa. O resultado nem por isso, já se sabia qual era. Era o que a PIDE queria, quem mandava nos magistrados era a PIDE, eles não decidiam absolutamente nada.

**O que sentia nas audiências livres, mesmo antes do 25 de Abril?**

Antes de 1974 já fazia tribunal sem ser plenário. Mas nesses sentia-me totalmente de mãos atadas, nunca senti falta desses tribunais que eram apenas simulacros da justiça. A polícia política era quem decidia tudo o que lá se discutia.

**Que história recorda desses tempos?**

Lembro-me bem de uma situação de uma senhora em que o marido tinha sido preso. Um homem simples, marceneiro de profissão. A mulher aparecia-me sempre vestida de preto, muito simples, nas reuniões do meu escritório. E um dia numa reunião clandestina deixou-nos todos de boca aberta: apareceu muito combatida e dizia que a situação era terrível para o marido. E eu, um jovem ingénuo... acenava com a cabeça enquanto criticava a tortura. E ela deu um murro na mesa e disse “não se pode ter medo!”.

**Que conselhos dá aos jovens advogados?**

Eles não sabem o que nós passámos, é um bocado difícil. Mas tento puxar-lhes as orelhas e digo-lhes que se deviam interessar mais pela vida em democracia.

(Ver noticiário na página 19)



# “Tribunal plenário era apêndice judicial da PIDE”

**Parlamento.** O movimento Não Apaguem a Memória enalteceu os 162 advogados que defenderam presos políticos durante ditadura

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Durante sete anos José Carlos Vasconcelos, enquanto advogado, defendeu presos políticos acusados pelo regime salazarista. Em plena sala de audiência dos tribunais plenários chegou a escrever poemas, inspirado pelas injustiças a que ia assistindo. “O julgamento apenas servia como confirmação do que a PIDE queria”, diz o também jornalista e atual diretor do *Jornal de Letras*.

Ontem, na Assembleia da República, a Ordem dos Advogados (OA) e o movimento Não Apaguem a Memória juntaram-se para homenagear os 162 “corajosos” advogados que durante 48 anos ousaram levantar a voz aos magistrados dos tribunais plenários que pouco mais eram senão “marionetas” da polícia política. “Os plenários eram apenas os apêndices judiciais da Polícia política”, explicou na ocasião Francisco Teixeira da Mota, um dos advogados convidados para a cerimónia.

“Era uma época de bestas e os juizes eram verdadeiras bestas”, explica o advogado José Manuel Galvão Teles, na altura um jovem advogado e já amigo próximo do ex-presidente da República Jorge Sampaio. O antigo chefe de Estado foi aliás um dos convidados nesta homenagem e, perante uma plateia de deputados, ex-deputados, advogados e presos políticos, partilhou experiências e enalteceu os presos que “deram tudo pelos seus ideais, em alguns casos a própria vida, muitos torturados pelos mais requintados e brutais métodos e outros forçados ao exílio”.

E lançou o apelo: “Sentimos para com eles todos, ausentes e presentes, uma enorme gratidão, um grande respeito, uma imensa solidariedade.” Sobre os advogados em processos políticos, como o próprio foi, Jorge Sampaio lem-



Elina Fraga (bastonária da OA) e Jorge Sampaio

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

## SOARES E OCTÁVIO PATO

### Camaradas, adversários, amigos

Primeiro, Octávio Pato (1925-1999) e Mário Soares foram camaradas, no PCP, nos anos 1940. Em 1946, esteve escondido durante duas semanas no colégio da família Soares, o Moderno. Depois, Pato ficou no PCP e Soares saiu. Mas

quando o militante comunista foi preso quis Soares como advogado. Ficariam para sempre amigos apesar dos inúmeros combates que os opuseram. Parte do espólio do histórico comunista foi para a Fundação Mário Soares.

brou que as “várias gerações” de profissionais “marcaram para sempre a advocacia e a luta democrática”.

### “Ouvíamos relatos das torturas”

“Mas o papel dos advogados de pouco servia”, explicou na AR Joaquim Monteiro Matias, que aos 25 anos se estreou nas sessões plenárias, no processo do assalto ao quartel de Beja. “Os juizes eram da inteira confiança da PIDE. A nós, advogados, apenas restava ouvir as denúncias de tortura de que fãmos tendo conhecimento”, desabafou.

Francisco Teixeira da Mota apelidou de “miserável” o tribunal plenário, já que condenava os réus “de acordo com o relatório confidencial da PIDE e funcionava apenas como simulacro”.

Já Elina Fraga, a recém-eleita bastonária da Ordem dos Advogados, lembrou o papel desta instituição na defesa dos arguidos.

“A Ordem conseguiu que os advogados estivessem presentes nos interrogatórios dos arguidos”, frisou a responsável. “E estes foram a voz do combate pela dignidade e a liberdade”, sublinhou como conclusão.

## Marinho e Pinto esteve dois meses preso

**TESTEMUNHO** O ex-bastonário da Ordem dos Advogados, António Marinho e Pinto, esteve dois meses preso em Caxias. Corria o ano de 1971 e o estudante de Direito na altura – acabado de chegar à Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra – foi acusado pela polícia política de “atividades subversivas”.

“Era apenas um estudante que provocava alguma agitação política, que fazia propaganda contra a

guerra colonial e contra a ditadura em reuniões clandestinas”. Por isso, no dia 2 de fevereiro de 1971, foi preso com mais cinco colegas – entre eles Rodrigo Santiago – e durante três dias e três noites “não dormi nem comi porque era um resistente”, disse o advogado ao DN. Para o defender chegou a contar com a ajuda de Francisco Sá Carneiro e Francisco Luso. “Mas nunca cheguei a ser acusado porque a verdade é que não estava a

fazer nada de ilegal.” Desses tempos recorda as vezes que se deslocou a Vila Real para distribuir jornais alvo de censura como *Avante!* e ainda a “paranoia” da PIDE de o perseguir por achar que estava ligado ao Partido Comunista. “A verdade é que só depois é que me juntei à União de Estudantes Comunistas”, conta a rir. Quando saiu da prisão, “fizeram-me uma festa por não ter denunciado ninguém”, concluiu. F.A.S.